Combate todos os males sociaes

Propaga as grandes idéas modernas

A OBRA

DUVIDAS

Quanta illusão !... O céo mostra-se esquivo
E surdo ao brado do universo inteiro...
De duvidas crueis prisioneiro
Tomba por terra o pensamento altivo.

Dizem que Christo, o filho de Deus vivo,
A quem chamam tambem Deus verdadeiro,
Veio o mundo remir do Captiveiro,
E eu vejo o mundo ainda tão captivo !

Se os reis são sempre os reis, se o povo ignaro
Não deixou de provar o duro freio,
Da tyrrania da miseria o trevo.

Se é sempre o mesmo engôdo e falso enleio,
Se o homem chora e continúa escravo,
De que foi que Jesus salvar-nos veio ?

TOBIAS BARRETO

Anno I S. Paulo (Brasil). 14 de Julho de 1920 Num. 9

QUESTÕES PALPITANTES

A Intelligencia, o Trabalho, a Terra e o Capital

Narram as tradições christãs que, no principio do mundo, Deus irascivo, porque Adão comeu o fructo prohibido que encerrava a sciencia do bem e do mal, condemnou-o a trabalhar para a sua subsistencia e a retirar da terra o necessario para a vida. Até neste momento, Adão e Eva, os nossos primeiros paes, segundo as mesmas lendas, viviam em uma deliciosa preguiça, un verdadeiro paraiso, sem necessidade de trabalharem para a subsistencia, exactamente como fazem hoje os capitalistas que abarrotam o estomago de manjares e o cerebro de tolices.

Mas esta lenda não passa de um symbolo para mostrar que o trabalho é uma condemnação eterna para o genero humano que vergará exhausto em um constante mourejar, para a acquisição do necessario à existencia.

Entretanto com o desenvolvimento da civilisação e com o augmento da industria, a differenciação na humanidade torna-se cada vez mais intensa, do que resulta uma parte ser condemnada a um trabalho brutal, sem possuir o conforto necessario á vida, emquanto a outra gosa largamente de todos os fructos da producção, sem que para isto sejam precisos grandes esforços.

E, apezar disto, foi o proprio Christianismo que procurou dignificar o trabalho, quando affirma que o proprio Deus trabalhou seis dias para formar o universo e que já fatigado descançou no septimo dia de sua tarefa exhaustiva e ingrata.

Mas na epoca de hoje o operariado já não se contenta com esses exemplos bellos e altruisticos dados pela divindade, para consolo dos homens; elle, a cujo cargo está a execução do trabalho mortifero e brutal das minas, das fabricas e de todas as profissões inferiores, reclama para si uma parte mais generosa na distribuição da riqueza humana, desprezando estas phrases sonoras e estes factos ideaes que não enchem os estomagos famintos nem nos livram do frio nas longas noites invernosas, quando temos o corpo mal coberto.

O operariado, portanto, deseja uma parte nos lucros, porque elle representa uma das fontes da riqueza humana pelo seu trabalho util e productor; o escól intellectual tambem deveria exigir, porque elle é actualmente a maior fonte de producção, por intermedio de sua intelligencia culta e creadora; a terra requer apenas que seja cultivada com perseverança e intelligencia, o seu producto que seja manejado com habilidade e firmeza; mas o capitalista, sem nada produzir, opprime o operariado por meio de seu dinheiro, colhe para si injustamente todos os fructos da intelligencia e do trabalho, hypocritamente illude a todos com aphorismos de igualdade e de democracia, deixando então transparecer as qualidades que caracterisam a aristocracia capitalista: — a oppressão, a injustiça, a hypocrisia e o ridiculo.

Ora, apezar de ser o capital um dos agentes de producção, appareceu depois da terra e do seu aproveitamento pela intelligencia e pelo trabalho, donde se concluir que elle é uma das consequencias daquelles tres primeiros factores, representando, portanto, a riqueza já accumulada; e é por isto mesmo, porque representa o resultado de producções passadas, do trabalho de todas as gerações que nos precederam no decorrer da evolução humana e da acção da intelligencia que se desenvolveu enriquecendo os povos, que elle é considerado como uma das fontes de riqueza humana.

Sim, porque o capital por si só nada produz, emquanto que a intelligencia e o trabalho elevou o homem á altura de um ser racional e artistico.

E, portanto, a maior das injustiças deixar o capital, que é o resultado da intelligencia e do trabalho de milhões de gerações passadas, que é a lenta accumulação da riqueza feita pelos povos que nos precederam, ser absorvido e reunido nas mãos de alguns individuos que, sem nenhum esforço, gozam de todos os beneficios e de todas as vantagens que nos proporciona a civilisação.

O capitalista é um phenomeno de Pathologia Social, deve desapparecer para completo saneamento moral, porque o seu exemplo corrompe a mocidade: — opprimir injustamente, e gosar com hypocrisia é a sua missão social, missão indigna e sobretudo ridicula.

A terra continuará eternamente produzindo, quando souberem cultival-a com arte e perseverança, fazendo nascer as gerações para depois absorvel-as em seu seio vastissimo; o trabalho modificará as condições de existencia pelo accumulo da riqueza; o capital movimentará o trabalho, augmentando a producção; e a intelligencia, origem de todo o progresso, de toda riqueza, base do trabalho verdadeiramente productor e humano causa do apparecimento do capital, de sua evolução e do extraordinario desenvolvimento que hoje apresenta, é a maior fonte da riqueza humana, porque é nella que todas as outras se baseam, sem a qual todo o progresso seria nullo e o homem voltaria a ser o que foi, em epocas já afastadas pelo decorrer alongadissimo dos seculos, — um animal irracional e selvagem, sem outro ideal que a satisfação immediata dos instinctos de conservação individual e da espacie, o que o faria baixar á condição da animalidade inferior e perder o logar que occupa na hierarchia biologica à custa de uma luta titanica que, atravez milhares de annos, o fez apparecer civilisado, intellectual e artistico.

F. M.

ANNO I — S. Paulo (Brasil), 14 de Julho de 1920 — Num. 9

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

A OBRA

Apparece nos dias 1 e 15 de cada mez

Redacção: Florentino de Carvalho
Administração: Cecilio Martins

Caixa postal, 195
Numero avulso 200 reis

Assignaturas:
Anno 10$ - Semestre 5$ - Trimestre 3$

O projecto terrorista

Parece definitivamente approvado e estatuido esse miseravel projecto de lei de reppressão ao anarchismo e que nada mais representa do que o maior attentado que nesta terra, neste Brasil natal, jamais se commetteu contra o pensamento livre, contra os direitos sacrosantos que são inherentes á vida da intelligencia e á vida moral dos individuos.

Lei infamerrima que surge como uma ameaça ás novas modalidades sociaes que já se desenham no horizonte dos acontecimentos humanos, que empolgam todos os espiritos opprimidos, todas as intelligencias cordatas, anda recebendo os sacramentos legaes no parlamento, sujeita ás discussões do regimento, do Senado para a Camara e desta para a Commissão de Justiça, recebendo emendas contradictorias e um simulacro de discussão para enganar aos ingenuos, pois a verdade é que a maioria dos deputados, a totalidade diremos, é-lhe favoravel porque são incapazes de contrariar as ordens e os desejos do sr. Epitacio e do sr. Gordo, defensores da camorra paulista que nos vilipendia e nos explora. E' o cumulo da hypocrisia. Seria muito mais logico publicar um *ukase* á á russa ou á Miguel I — como naquelles bons tempos de absolutismo, mais ou menos concebido nestes termos:

Eu, D. Epitacio I, dictador do Brasil, por obra e graça de Deus no céo e do Papa em Roma, com o assentimento tacito e interessado da Camara e do Senado deste paiz e das ilhas adjacentes, hei por bem decretar as seguintes medides de ordem publica e privada:

1. — E' prohibido haver homens com cabeça;

2. — Ninguem poderá pensar differentemente da minha pessoa nem conceber uma sociedade por prisma differente do meu, o que viria prejudicar os meus interesses e o dos meus clientes de advocacia;

3. — Todos os olhos serão vendados, todas as bocas tapadas, todas as intelligencias estranguladas, de modo a ninguem poder discutir os meus actos e divergir de minhas opiniões e interesses;

4. — Tudo que os grandes poetas, pensadores, sabios e artistas, têm produzido de util, de bello e elevado, será lançado á fogueira, quebrado e destruido de modo a que os espiritos recaiam novamente na edade do anno mil, em que as trevas e a ignorancia sacerdotal não deixavam vislumbrar sequer probabilidades de transformação social;

5. — Fica revogada a liberdade de imprensa, não podendo os prelos imprimir livros e jornaes, sem o visto do Santo Inquisidor, por mim nomeado e pessoa de minha inteira e familiar confiança;

6. — Os theatros, os cinemas, as reuniões populares não se poderão mais realisar sob nenhum pretexto, por justificavel que seja, pois muito bem podem servir de vehiculo a idéas subversivas;

7. — Todas as crianças, ao nascer, serão submettidas a um exame minucioso de antropologistas eminentes, com o fim de ver se alguma dellas apresentará caracteristicos vehementes de se tornar mais tarde em perigoso anarchista e nesse caso ordenar um novo degollamento dos santos innocentes, como se fez nos tempos de Pharaó do Egypto.

Ora ahi está um projecto que satisfaria cabalmente as necessidades dos satrapas desta terra generosa em productos e má nos homens que se arrogam dirigil-a e o qual offerecemos gratis aos argutos legisladores que o poderiam aproveitar sem o uso de euphemismos e redundancias inuteis e irritantes, dizendo pão pão, queijo queijo, e não querem dourar a pillula jogando a pedra e escondendo a mão.

E o povo, esse paciente cordeiro que tudo produz e tanto se sacrifica, ficará indifferente diante desse hediondo e clamoroso atentado ás liberdades publicas, diante desse cerceamento das liberdades individuaes, deixando que os seus melhores elementos sejam lançados para as penitenciarias só por quererem o bem estar collectivo, a felicidade integral dos povos? Levanta-te e reage, o' leão adormecido!

ALVARO PALMEIRA

Hontem tivemos o prazer de abraçar o nosso estimado companheiro Alvaro Palmeira, que, do Rio, veio expressamente, afim de realisar aqui tres conferencias de propaganda social, a primeira das quaes deve ter-se realisado hontem, 13 do corrente, ás 19 horas, no salão Oberdan.

Hoje, 14, o camarada Palmeira realisará as duas seguintes, sendo uma ás 14 horas, no salão do Centro Republicano Portuguez á rua Marechal Deodoro n. 2, organisada pela União dos Trabalhadores Graphicos, e outra ás 19 horas na sede dos tecelões, Avenida Celso Garcia, 108 (Belemzinho) organisada pelo Comité Pro'-Presos e Deportados, em beneficio das victimas por questões sociaes.

Estudos philosophicos

A evolução e a felicidade

Tenho em meu poder varias cartas escriptas por esses espiritos eleitos e delicados, que sentem a dôr muito mais aguda que o commum da gente, callando e mostrando serenidade quanta possam, mas são tristes e passam a vida sò lamentando-se com aquelles que julgam capazes de os confortar.

Não quero dizer a causa de taes dôres, o que seria inutil, mas estas são as mesmas que perturbam o desenvolvimento livre e natural da vida, ou aquellas que derivam da falta de satisfação das exigencias individuaes, maiores e mais fortes que as mais desenvolvidas na intelligencia e nos sentimentos. Parece que a superioridade intellectual torna infeliz a vida, não satisfazendo os desejos que por isso nascem, porque parece que estes são differentes dos da vida commum e normal. Este phenomeno è muito curioso e, alem disso, muito importante para firmar o prognostico do que será a vida individual no futuro, quando as sociedades humanas estiverem muito mais desenvolvidas na forma e na essencia, e quando o homem tiver mais aperfeiçoada a intelligencia e com ella, a sensibilidade.

Consideradas as cousas por este lado parecem menos infelizes os homens primitivos, menos sensiveis, ignorantes, descuidados dos amanhãs da vida e por isso mesmo mais proximos da vida animal, que os homens que conhecem melhor a vida e que teem a sensibilidade mais fina e mais excitavel. Aquelles teem menos necessidades que estes e contentam-se em satisfazer as exigencias mais elementares da vida emquanto as necessidades superiores são causas de grande dôr, se não podem ser satisfeitas.

Pode-se pois perguntar, para que serve a evolução humana se os homens são menos felizes e se deverá agravar a dôr que peza sobre elles, pelas muitas difficuldades de existencia, alem daquellas que se referem à vida animal? O leitor admirar-se-ha de ler este conceito que parece de indiscutivel pessimismo; julgará certamente encontrar uma contradicção, senão em mim que esboço com côres pallidas a vida individual, ao menos na evolução collectiva e individual. Ah! não! não ha contradicção nenhuma; como já disse, o tom da vida subirá mais alto e isto trará na evolução social um melhoramento absoluto á collectividade com a diminuição dos males e das dores physicas que derivam das privações e da mizeria. Mas, se não podemos abolir a emoção e as suas causas; se, como tenho affirmado, a sensibilidade humana tiver um aperfeiçoamento, e se tornar mais delicada, naturalmente, as suas manifestações serão mais agudas e mais numerosas. Então a busca da felicidade não será mais aquella que agora tanto fatiga, isto é, a satisfação das necessidades elementares para todos os homens, mas aquella que trouxer a satisfação das necessidades superiores recentemente nascidas e derivadas da superioridade espiritual.

Dois caminhos se apresentam para as almas eleitas fugirem das dores espirituaes e para diminuir a tristeza da vida, dois caminhos abertos, duas creações humanas ricas de prazer intellectual e esthetico: a sciencia e a arte. Estas poderão satisfazer as exigencias dos homens superiores e diminuir ou destruir a dor. A sciencia por meio de desenvolvimento indefinido, sempre creadora e sempre prompta para novas descobertas nos enigmas do universo, será um trabalho dilecto para os homens superiores e geniaes ou para aquelles que mais soffrem as dores caracteristicas da superioridade humana; nella, elles suffocarão a tristeza que pode nascer das necessidades da vida commum, mesmo quando satisfeitas. A arte, será pelo contrario, o eterno gozo dos espiritos cansados dos grandes trabalhos, até mesmo quando reproduz as dores da vida, porque a dor esthetica tem uma attracção superior á do prazer, como se o homem se sentisse fascinado por um sentimento que brota das proprias fontes da vida.

Mas para destruir a dor individual, commum a todos os homens, existe um meio universal e que ao mesmo tempo è fonte de riqueza na vida social: o trabalho de todos os generos e formas, o muscular e o cerebral. Na vida vulgar, entre os homens de espirito pouco elevado, a tristeza deriva do ocio, da absoluta inercia da energia vital, assim como a propria miseria pòde derivar da falta de trabalho, que arrasta comsigo o crime. Se se emprega uma parte da energia vital no trabalho, a vida será menos triste e mais elevada; o trabalho dará o prazer da actividade e eliminará muitas causas do mal; a evolução humana dependerá absolutamente do trabalho, porque este, na vida individual e social, representa o eterno movimento do universo.

G.

Erro de orientação

Os syndicatos operarios agem utilmente como centro de resistencia ás usurpações do Capital. O seu defeito parcial é o de usarem desajuisadamente da força que possuem. O seu defeito geral é o de limitarem-se a uma guerra de escaramuças contra os effeitos do regimen, em logar de tentar a sua transformação; ao contrario, deveriam servir-se das forças proletarias como de uma alavanca para abolir o salariato. **Carlos Marx**

Os inestimaveis serviços
do deputado sr. M. de Lacerda

Com uma dialetica facil, e por vezes enthusiastica, bordejando arroubos de protestos vehementes atirados á face dos mandões do Capital e do Estado, o sr. Mauricio de Lacerda vem realisando uma campanha em defesa, diz elle, dos interesses operarios, campanha que a maior parte dos trabalhadores julga ser socialista, syndicalista, revolucionaria, anarchista, cobrindo os bellos discursos do illustre deputado com fragorosos applausos.

E quando este cidadão diz que nada pretende das classes operarias, que trabalha pelas reivindicações dos explorados, desinteressadamente, os applausos redobram, a confiança, a sympathia por esse homem crescem até o paroxysmo.

«E' assim que elles se fazem». São esses os messias que as multidões escolhem para seus conductores.

Si, porém, os trabalhadores, os companheiros, se derem ao trabalho de prestar attenção á propaganda da qual o sr. M. de Lacerda se fez paladino, hão de se convencer de que estavam laborando em erro.

Vejamos o que elle diz a respeito no artigo *Nacionalisação de Transportes*, publicado na «Voz do Povo», do Rio, em 6 do corrente:

O nosso problema de transportes parece destinado a rondar num circulo vicioso como tantos outros de monta no paiz, qual o do analphabetismo perpetuamente discutido e, pela eternidade, insoluvel.

As estradas iam ha vinte annos mal e nós concluimos pela incapacidade brazileira, publica e particular, arrendando-as a estrangeiros capitalistas. Agora esses deram má prova e nós voltamos a pensar em encampal-as todas para que o governo as dirija. E, no fim, ninguem vê que, por exclusão ambos os methodos não prestam, sendo preciso um terceiro que transmude, os transportes de industria de dividendos em unicamente instrumento economico da collectividade.

A esse respeito, fallando da crise de transportes, disse a C. G. T. de França o que nós poderiamos repetir aqui das companhias, o que demonstra que a sciencia economica chegou a uma conclusão verdadeira porque universal.

«A gestão pelas companhias mostrou-se impotente a dar-lhe remedio. A razão está no systema que faz dos caminhos de ferro, uma fonte de dividendo e não um serviço publico verdadeiro funccionando para beneficio geral».

Depois desta constatação dos francezes, póde-se dizer assim porque parece que o governo e os trabalhadores a assentaram como verdade, acceitando um principio de nacionalisação dos transportes o primeiro e batendo-se pela nacionalisação plena o segundo, a solução parece obvia.

Na ultima greve, a de 4 de Maio passado, dizia o orgão dos trabalhistas fancezes: "nenhuma outra solução é possivel sinão a volta á collectividade e a transformação radical dos methodos de exploração. O systema actual não póde mais durar. A concessão a companhias particulares é injustificavel porque aliena uma riqueza nacional, porque compromette o desenvolvimento do paiz, porque é um factor da vida cara; seu regimen está condemnado pelos seus mesmos resultados".

Pleiteando a nacionalisação dos caminhos de ferro, dizia a seguir: "nós não admittimos que ellas fiquem nas mãos de grupos capitalistas incapazes de assegurar convenientemente esse serviço e que dellas se servem exclusivamente para auferir vantagens sobre todos os individuos. E accrescentava: "Os caminhos de ferro devem ser possessão publica. Devem funccionar sem referencia aos interesses particulares".

. . . .

Dizemos que a exploração dos caminhos de ferro, propriedade exclusiva, deve ser assegurada por todos aquelles que tenham interessa no seu bom funccionamento. Entendemos que a sua gestão nova seja confiada a novos organismos em que serão representados o conjunto dos interesses geraes do paiz; o conjunto dos que cooperam no funccionamento das arterias; o conjunto dos que a servam nos transportes, queremos pôr nesses organismos todas as competencias que garantirão uma exploração conveniente; o desenvolvimento indispensavel dos serviços, sua ligação com todas as outras industrias. Nós queremos acabar com a incoherencia actual".

. . . .

Temos assim um plano, um systema, um regimen novo que soluciona para os productores individuaes e industriaes, os trabalhadores e toda a communhão o problema dos transportes e da exploração de seus serviços, a salvo do egoismo capitalista e do favoritismo democratico, remediando a carestia da vida e o abastecimento normal do paiz.

Por que não adoptal-o a viver para sustentar a estrada nas mãos do capitalismo, elevando tarifas que arruinam as energias productoras e encarecem a vida, — ou para manter nas estradas officiaes o burocratismo que desenvolve a injustiça entre os trabalhadores, sem attender em qualquer das fórmas aos interesses de conjunto de cada um dos elementos economicos e sociaes, na questão e, sobretudo, desprezando o unico fim e a essencia de todo o transporte que é a distribuição dos productos sem sacrificio do productor e do consumidor, de ambos e do trabalhador?

Vejamos a seguir como se pode nacionalisar os transportes maritimos, ou sobre agua em geral, dada a actualidade da questão com a projectada venda do Lloyd e o projecto Frontin a seu respeito.»

No artigo publicado na mesma folha, sob o titulo *Marinha Mercante*, escreve:

. . . .

Não se pede, entretanto, medidazinhas, mas uma medida.

Qual é ella? A nacionalisação!

Não ha outra, nem outra pode ser.

Novos processos de administração, a nacionalisação industrial, é preciso que se não confundam com o "nacionalismo de industria" que por ahi anda. Eu tive em 1916 um projecto de nacionalisação da marinha mercante que o sr. Burlamaqui, actual deputado, combate em seu livro sobre ella.

Esse projecto, porem, não era nem a nacionalisação que eu avento, nem o nacionalismo que ahi anda. O que agora lembro é a entrega á nação, — nacionalisação, — da industria de transportes.

. . . .

Não vemos nesta campanha systematica outra coisa que não seja reformismo economico, a ser feito pelo Estado. Ella nada tem de socialista, de syndicalista ou anarchista.

Ella é a expressão da melhor doutrina nacionalista que os politicos poderiam inventar, absolutamente opposta aos nossos principios communistas e internacionalistas.

O sr. Mauricio de Lacerda está, pois, mais do que qualquer outro funccionario do governo, prestando, com essa campanha... optimos e incomparaveis serviços ao Estado, ás classes conservadoras. Aliás, quem se dér ao trabalho de ler os seus artigos publicados na imprensa carioca, poderá verificar que, em geral, seguem no mesmo diapasão.

F. de Carvalho

A TOMADA

Em Paris existiu durante seculos uma fortaleza que, construida durante o reinado de Carlos V, se tornou bem depressa prisão de Estado e que serviu desde logo para esconder no fundo de seus colabouços todos aquelles que, sedentos de justiça e de liberdade, se lembravam de protestar contra o poder illimitado dos reis e dos tyrannos absolutos daquellas epocas.

Quem não estivesse contente com o estado de cousas que então vigorava, quem duvidasse de que os reis, os papas e os imperadores fossem inspirados pelo Espirito Santo, quem tivesse a hombridade de falar mais alto qualquer verdade evidente, quem fosse dotado de intelligencia elevada e de independencia de caracter, quem não elogiasse e bajulasse servilmente os reis e os magnates daquelles fatidicos tempos, quem lhes desagradasse e lhes cahisse na antipathia, estava condemnado, podia perder toda a esperança: seria arremessado secretamente para aquelle sepulcro da Bastilha, de onde, como do Inferno de Dante, nunca mais sairia. O sol, a vida, as flores, os passaros, a familia, a alegria das crianças e o carinho das mulheres, tudo, tudo lhe era negado, restando-lhe sómente o recurso da morte, como libertação unica das infames gargalheiras, dos miseraveis carcereiros e das pesadas muralhas que, como lousas de chumbo, o separavam do numero dos vivos.

Um dia, dava-se pela falta de um homem. Sumia-se, desapparecia, procurava-se por todos os lados, interrogavam-se todos os amigos, todos os parentes, mas ninguem dava noticias. Onde estaria então? — Na Bastilha, na infame masmorra, symbolo do absolutismo real, onde apodreceria longe dos seus, esquecido dos homens, á mingua de confortos e de liberdade, sem outra culpa que não fosse a de ser amigo da justiça e de não ter agradado ás suas magestades os reis e os bispos.

Mas chegou o 14 de Julho de 1789. Neste dia, o povo de Paris reunido para protestar contra as tyrannias e as injustiças de que era victima, lançou o grito: A' Bastilha, á Bastilha! e toda aquella revolta e furiosa multidão para lá se dirigiu assaltando a terrivel e pavorosa fortaleza. Os soldados inconscientes tentaram resistir, ainda dispararam sobre o povo revoltado, mas isso concorreu sómente para exacerbar mais os animos, para irritar mais o leão popular. E, deante do impeto formidavel da sua força e da sua intrepidez, a masmorra odiada foi tomada, desarmadas as suas guardas,

14 de Julho

DA BASTILHA

baixadas as suas pontes, transpostos os seus fossos, libertos os seus prisioneiros, derrubadas as suas muralhas, destruidas as suas torres, quebrados todos os instrumentos dos supplicios infamerrimos, dançando depois em cima das ruinas para exprimir toda a sua alegria pelo benefico trabalho realizado.

Toda a epopeia que foi a Revolução Franceza, tambem chamada a Grande Revolução, teve o seu inicio, o seu ponto de partida na tomada da Bastilha, data heroica que hoje commemoramos, como homenagem commovida, aquelles heroicos batalhadores nossos antepassados.

Cahiu a hedionda Bastilha! E' certo, porém, que muitas outras continuam existindo, com nomes differentes, camufladas com outros rótulos, mas na essencia são "bastilhas„ de verdade, sem tirar nem pôr. Chamam-se cadeias, prisões, penitenciarias, xadrezes, trabalhos forçados, solitarias, degredos, etc., e continuam realizando obra de morte e de abominio nas pessoas dos paladinos modernos da Liberdade e da Anarquia.

O povo francez, depois de esforços titanicos, após ter dado seu sangue, seu auxilio, sua vida em holocausto á liberdade e á independencia pessoal e collectiva, cahiu no logro de se deixar outra vez illudir, escravizar e encadear pelos reis e pelos militares agaloados e criminosos. E, após mais dum seculo, vive-se quasi a mesma vida, soffre-se quasi a mesma violencia, assiste-se as scenas tão aviltantes e degradantes como nesses tempos ominosos de ignorancia e de cegueira intellectual e espiritual.

Pois façamos tambem o nosso 14 de Julho. Preparemos o assalto definitivo á fortaleza burgueza, arrazemos e derribemos esse monstruoso e sinistro castello de exploração e de morte que tudo nos exige e nada nos proporciona de bom e de util. Acabemos com essa classe, symbolo de abutres, que nos persegue e nos lança nas escuras gemonias ou nos porões infectos dos navios, quando nós não nos conformamos em permanecer durante muitas horas, por pequeno salario, nas modernas Bastilhas industriaes, essas fabricas e officinas onde milhão impera, bicho horrendo que quanto mais farto está mais insaciavel e guloso se torne. Derrubemos a cidadela burgueza, estabeleçamos o regimem de igualdade e de fraternidade social que se chama Anarchia, em toda a terra, e depois façamos como o povo de Paris: dancemos e regozijemo-nos em commum porque só então teremos motivo para isso. Até lá, guerra a todas as Bastilhas!

--- 1789-1920

Chronica Scientifica

A morte de um grande physico

Na Italia falleceu nestes ultimos dias um dos seus maiores scientistas. Talento vigoroso, Augusto Righi foi um desses sabios que figuram como uma legenda em nossa epocha de vertigens e de insaciaveis cubiças.

A sua figura moral tem taes esplendores de pureza que talvez é preciso remontar alguns seculos na historia para encontrar analogias e semelhanças que lhe se possam comparar.

Foi com Lord Kelvin, Crooks, Hertz, von Helmohtz, entre os mortos, com J. Thomson, Lodge, Perrin, Barkla, entre os vivos, quem talvez maiores contribuições scientificas trouxe a essa gigantesca theoria da materia que se chama: a theoria electronica.

Quem não penetrou os mysterios da physica moderna não pode comprehender a significação dessa conquista que faz proferir a J. Thomson esta extraordinaria affirmação: graças ao methodo da physica moderna, não podemos vêr o "atomo individual„ mas perfeitamente o trajecto percorrido por esse atomo e em certos casos o que se passa dentro desse atomo.

Passou-se a epocha em que para ser sabio pesquisador bastava ser um "naturalista„ o que não era, no fundo, nada mais nada menos do que um intelligente colleccionador.

A sciencia de hoje surpassou essa phase e por isso os estudos do entomologo Fabre, apesar de vastissimos e originaes não impressionaram o mundo official da mesma.—

A contemplação, a observação não chegam, são necessarias a experiencia «penetrante», um «meio» que rompa a sombra das illusões da realidade, que permitta entrever por detraz e por toda a parte, dos phenomenos.—

E' o segredo do homem de genio. E si não hovessem essas mil illusões, essas mil sombras que velam a realidade, a menor ou maior penetração da intelligencia humana, não teria significado algum, para a conquista do que chamamos verdade.

O cerebro de Augusto Righi si tinha muita dessa materia sonhante de que falla Shakespeare, que o attrahia absorto para as regiões abstractas do pensamento e da vida, possuia em alto grau esse magestoso «senso da realidade», que como de um mysterioso Olympo escondido nas trevas das cellulas nervosas proclama e vê as verdades novas.

Augusto Righi foi quem agasalhou em seu laboratorio o imberbe G. Marconi e quem das suas experiencias sobre as ondas hertzianas o inspirou á gloriosa e immortal invenção do telegrapho sem fios.

Foi no laboratorio do grande professor que o genio de Marconi bebeu o licor magico da «sciencia viva» e ergueu ao seu nome um monumento de gratidão na memoria da humanidade.

Com a morte de Augusto Righi perdeu a sciencia um dos seus mais illustres representantes e a humanidade o inspirador paterno do telegrapho sem fios.

Como o dever de todos os povos cultos é cultivar a religião da intelligencia, nós nos dariamos hoje por satisfeitos, si tivessemos conseguido atrahir para esse grande vulto desapparecido do esperimentalismo moderno, a sympathia postuma dos que, nesta terra, cultivam a religião e vem nos intellectos radiosos da sciencia ou da philosophia, as estrellas auguraes de uma nova era para a redempção espiritual e material da humanidade.

Augusto Righi escreveu varios livros de vulgarisação cuja leitura aconselhamos a quem queira conhecer a sua obra e a essencia fundamental da physica actual (traduzidos em algumas linguas europeas).

— A moderna theoria dos phenomenos physicos.

— O Radio.

— Novas vistas sobre a intima estructura da materia.

— A materia radiante e os raios magneticos.

— A nova physica — etc.

São estas obras escriptas com aquella limpida clareza e perfeição de pensamento que caracterisam os grandes espiritos.

Dr. De Marco

A ORDEM

O' juizes! Eu sou essa figura austera
que todo o mundo adora e respeita e venera.
Sem mim não poderia o orbe social
gosar a paz serena e ultra-celestial
que actualmente usufrue. Eu sou seguramente
o mais forte e tenaz esteio do Existente.
Sem mim a Sociedade era como um abysmo.
Eu protejo na sombra a mão do Despotismo
quando ella avança, occulta, e busca estrangular,
entre as garras de tigre, a alma popular.
Guardo, como um alão, das iras malfazejas,
os palacios reaes, os bancos e as egrejas,
para que o Capital, o Throno e a Reacção
façam tranquillamente a sua digestão.
Em volta dos bordeis, tavolagens, mosteiros,
passo a noite a rondar com os meus quadrilheiros,
p'ra que ninguem perturbe a alegria epicùrea
de quem busca o prazer nos braços da Luxùria.
E quando algum Faublas se alçaprema à sacada
onde o espera, febril, a doce namorada,
sou eu quem lhe segura a escada resistente,
—isto para evitar o escandalo sómente...

Campos Monteiro

Os caminhos da vida

Alta noite. Que insomnia! Oh não posso dormir. Abro a janella do meu quarto solitario e olho a amplidão. Tudo silencioso...

Silencio, infinito silencio!

Nisto ouço alguem bater na porta ao lado.

Volto-me.

— Quem é? pergunto

— Sou eu.. o Destino.

E entra-me um velho grave, de olhar frio, impassivel como a lamina de uma espada. Senta-se e fala:

— Ouve tu, anarchista.

Ha na Vida tres caminhos: o da Fama, o da Mediania e o da Gloria.

Aquelle que segue o primeiro caminho começa por ser escravo e termina sendo senhor: para subir, não procura erguer-se, e sim rebaixar-se, o que parece absurdo; vive como um sabujo. Mas alcançada a collina da Fama, tudo lhe sorri: gloriolas, posições. Então deante delle ha um desvio de espinhas, da vertical para a linha curva. Os povos beijam-lhe as plantas dos pés, por temor ou interesse, embora elle não fale dentro da alma dos povos. Tem palacios, riquezas, fartura, sorrisos, mulheres. Vida de um principe, morte de um deus: corôas, cataphalcos, funeraes... e o Esquecimento porque foi um traste inutil.

Aquelle que segue a estrada da Mediania não é glorificado nem apedrejado; não soffre nem de ordinario procura fazer soffrer; não é o primeiro a empunhar a bandeira nem o ultimo a adherir á revolução victoriosa; tem tanto bom senso no cerebro quanto toucinho no cachaço; nunca lhe falta a maniva; reunido aos outros forma os "bons", os "respeitaveis", os "virtuosos", os «commendadores». Passa como uma sombra. Vida farta... como a do porco. E morte beata, regalada, abençoada, choramingada... e desejada pelos que lhe vão gosar a riqueza. E por ultimo, o Esquecimento, porque foi uma besta mediocre.

Finalmente, aquelle que segue o caminho da Gloria vive como um tshandâla hindú e morre como um cão leproso. Perseguido, abandonado... Conhece a fome, a dor, a miseria, o exilio, a solidão, a terrivel solidão. Caem-lhe em cima os adjectivos peores: perigoso, maldito, pernicioso. Pede e ninguem lhe dá. Grita e não se lhe responde. Chora e ninguem lhe enxuga as lagrimas. No emtanto da sua dor saem gritos que elle esculpe em livros, estatuas, paineis. Morre abandonado e entra... na immortalidade.

Dize pois, o' visionario, que caminho vaes seguir, que caminho seguirão os outros anarchistas?

E eu, firme e pausadamente, respondi:

— A Dor e a Immortalidade!

Octavio Brandão

14 de Julho

Commemorando a data da tomada da Bastilha, o grupo «A Plebe» publicará uma excellente illustração sobre o grande feito.

O trabalho artistico da mencionada illustração, a sua significação historica, a impressão nitida feita em papel superior torna-a digna da apreciação de todos.

O preço de cada exemplar custará apenas 200 réis.

Jesus Christo era anarchista

O nosso camarada Everardo Dias acaba de dar á imprensa um interessante opusculo de propaganda social, sobre o titulo acima.

A edição está sendo feita pelo grupo "A Plebe".

Em beneficio d' "A Plebe" e d' "A Communa"

A riffa de uma collecção da Illustração Portugueza realisada em beneficio da "A Plebe" e d "A Communa correu no dia 10 do corrente, sendo premiado o n. 042.

Comité Pro Presos e Deportados

Conferencia

Este Comité convida todos os homens de sentimentos humanitarios a prestarem o seu concurso em prol do éxito da conferencia que em beneficio dos presos e deportados, o estimado camarada Alvaro Palmeira realisará hoje, no local da avenida Rangel Pestana, 408.

Entrada familiar — 1$000.

Horrivel!

Tem sido de tal ordem os supplicios com os presos da Cadeia desta cidade que viram-se constrangidos a enviar uma representação ao Secretario da Justiça... republicana protestando, e ao mesmo tempo declararam a «grève da fome», recusando-se a receber qualquer classe de alimento.

O dr. Secretario da Justiça ainda não respondeu á representação, não ouviu as queixas dos presos, não se lembrou delles para nada.

Entretanto os encarcerados continuam a sustentar a "grève da fome", declarada ha sete dias e que fatalmente, ha de occasionar, alèm, das torturas, a morte dessas victimas deste odioso regimen de brutalidades irrefreadas.

Por que motivo não se protesta, não se reage contra essas iniquidades?

Por que motivo o povo deixa no mais completo abandono os cidadãos que têm a desgraça de cahir nas mãos de seres deshumanisados?

MEMORIAS DE UM EXILADO

Episodios da deportação de Everardo Dias contados por elle mesmo

Já se encontra á venda, em folheto, este interessante trabalho em que são narradas as peripecias da deportação dos vinte e tres camaradas que seguiram no "Benevente".

O autor dedica o producto que apurar na venda deste livro, depois de pagar as respectivas despezas, a minorar a sorte dos deportados que estão presos nos carceres da Hespanha ou nos presidios ultramarinos de Portugal, padecendo incalculaveis miserias. Devem, por isso, as associações obreiras, bem como todos os grupos, adquirir o maior numero que lhes seja possivel das "Memorias", pois desse modo prestarão o seu concurso a uma obra digna e merecedora do mais enthusiastico apoio.

Os pedidos para esse trabalho de Everardo Dias — que constitue um elegante volume de 102 paginas — podem desde já ser feitos por intermedio do nosso jornal, ou directamente ao autor: rua Washington Luiz, n. 1.

Preço de cada volume 1$.

Para regularidade no serviço administrativo pedimos que os pedidos venham acompanhados da respectiva importancia, ou valor equivalente em sellos de 100 rs.

Ressurreição Physica

V

3.º - Aguas-ardentes

As genuinas aguas ardentes devem ser unicamente formadas de alcool de vinho que marque pouco mais ou menos 50 graus; mas a maior parte das que apparecem á venda são geralmente misturas hybridas de pessimo alcool de cereaes, figos, batatas, etc., e substancias varias, destinadas a darem-lhe o aroma, a untuosidade, sabor e a coloração das velhas aguas-ardentes verdadeiras.

Uma porção diminuta de acido *sulfurico* serve para dar o aroma; a *gomma adraganta* ou o *sabão branco* dão á mixordia a unctuosidade desejada; o sabor mordicante consegue-se com a addição de substancias acres — o pyrethro, a pimenta, etc.; finalmente a cor, a lindiasima cor de topazio caracteristica das velhas aguas-ardentes superiores, é dada por uma outra mixordia, composição secreta e invenção do falsificador.

4.º - Kirsch

O kirsch é extrahido do succo fermentado de cerejas pretas; mas o maior numero de distilladores preparam esta deliciosa bebida com uma infusão de folhas de louro-cerejo, folhas de flores de pecegueiro, em pessima agua-ardente de cereaes, de batatas ou bagaceira, geralmente um pouco diluida em hydrolato de louro-cerejo.

Outros fabricam o kirsch por um processo muito mais rapido; limitam-se a adoçar e aromatisar qualquer alcool de má qualidade com essencia de amendoas amargas — *aldehido benzoico, benzonitrilo*, que por muito tempo se considerou como substancia perfeitamente inoffensiva, mas que os recentes trabalhos experimentaes de Laborde indicam ser um *veneno convulsionante* de maxima violencia.

5.º - Rhum

Com a maior certeza podemos dizer e affirmar que o rhum verdadeiro no Brasil apenas se conhece de nome.

O que por ahi vendem com esta denominação é um lique, denominado *Tafia*, que se prepara distillando o succo fermentado da canna de assucar, misturada com qualquer substancia que lhe dê approximadamente o aspecto do rhum.

Em diversos paizes da Europa ha fabricantes de rhum que o preparam pondo de infusão em alcool forte solas de sapatos velhos; outros preparam-n'o rapidamente com alcool de infima qualidade, agua, acido e ether formico, ether acetico e butyrico, etc.; finalmente ha quem use a formula seguinte:

Raspadura de couro novo	2 ks.
Cascas de carvalho trit.	500 grs.
Cravo da India	15 grs.
Alcatrão	15 grs.
Alcool de melaço	180 lts.

E vá lá um estomago delicado pedir a esta theriaga a acção benefica que o rhum genuino, ou mesmo a tafia de boa qualidade, costuma produzir!

Felizmente ha um meio muito simples de descobrir a qualidade do rhum, e esse meio consiste em juntar 5 grammas de acido sulfurico a 10 grammas de rhum. Quando o rhum ou a tafia é de qualidade razoavel, o cheiro especial destas bebidas persiste; e do contrario, logo que a mistura arrefeça, o cheiro desapparece.

Dr. Alberico J. Roth

(Continúa).

Hymno Libertario

Hosannas ao fulgor ideal da Sciencia,
A' verdade, á Belleza, á Perfeição.
Liberdade, asteroide vermelhão,
Gloria á tua divina transcendencia.

Côro

Gloria á Libertação,
Gloria a ti, Rebeldia.
Maldição, Tyrannia,
Maldição, maldição!

Paz a todas as almas bemfazejas
Que pelejaram contra as tyrannias,
Da tyrannia horrivel das igrejas
A' oppressão infernal das enxovias.

Côro

Gloria á libertação etc.

Maldição á miseria, ao servilismo,
Ao ricaço que explora o pobretão
E quer, vivendo á beira de um abysmo
Fazer parar a immensa evolução.

Côro

Gloria etc.

Cantos ao pensador, ao libertario,
Que investiu contra todas as cadeias
E cujo sangue puro e cujas veias
São Caudaes de um futuro legendario

Côro

Gloria etc.

Laus a ti Bakunine alma em peleja,
A Kropotkine, a Tucker ou Tolstoi
E a Nietzsche cujo espirito lampeja
E cuja grande dor tanto nos doe!

Octavio Brandão

Scismares....

— A vós, senhores do Mundo

... E pergunto-me o que escrever, sobre o que pairar, quando o pensamento vôa fugitivamente qual grande passaro de azas pandas, em busca de luz e liberdade; quando as idêas reunem-se em tumultuar fremente e terno que sóe agitar a alma sequiosa de fraternidade universal; quando o coração em idealistico vibrar almeja a formação bellissima de uma nova communhão de seres e cousas mais justas, mais humanas. Pergunto-me o que escrever, quando o pensamento não espera e o sonho desenrola-se...

▽ ▽

Escrever toda a pujança sublime que um coração de idealista contem?

Não. O pensamento não pàra.

Penso.

Penso, rejubilando do Eu profundo, que a onda humana da Regeneração é vagalhão impetuoso, sempre mais colossal, rugindo, no fragoroso marulhar, sossobrando obstaculos, transpondo diques apodrecidos, rolando para o leito do Ideal fulgente, onde remansarà, a cobrir-se de ilhotas floridas...

▽ ▽

A imaginação. então, è fecunda, artistica, um raio scintillante de sol afugentando trevas, mostrando aos olhos da alma os quadros bellos e grandiosos que pintam o futuro.

A imaginação tem tambem effeitos de luzes e reverberam scenarios immensos, scenas esparsas de flores, de mocidade, de vitalidade, onde foram delidos traços de escravidão, de carnificinas, de miserias. Apagaram-nos as luzes da Justiça, da Verdade, do Amor.

▽ ▽

Uma pobre creança, uma flor pequenina e sensitiva, ao desabrochar da primeira edade é açoitada, é sacudida, é magoada pelo infortunio e pela miseria social.

De que provem esas deshumanidade?

Dizei vòs, senhores do mundo!

Perguntarà ella, pobre entesinho, quando, friorenta, na sua triste peregrinação para a esmola diaria, seus olhos poisarem nas vestes luxuosas e riquissimas que outros ostentam; quando, esfomeada, pàra ante a vitrine mostrando comestiveis e iguarias, ella que necessita um tôco de pão, sonnolenta e fatigada, atira-se a um degrau ao pè da cancella de um palacio faustuoso, perguntarà ella, porque è tão desigual o mundo?

Terà ella a idêa de Deus, para poder ter a resignação christã?

Terão-lhe dito que esse Deus è justo, è bondoso, è amoroso, é amparador dos que soffrem?

Meditarà, com os olhos fixos no seu candido infinito, porque o Deus tão bom e justo a abandona ao relento e à fome, quando està ao pé de um palacio grande, muito grande com muitas janellas e muitos quartos, que deve ter muitos leitos, muita roupa, muitas mesas e o guarda-comida abundante?...

Respondei vós, senhores do mundo!

Ainda quereis sustentar que essa è a lei natural e immutavel?!..

▽ ▽

Como podeis affirmar que os anarchistas são delinquentes, destructores, assassinos, perturbadores da ordem publica e negadores da moral?

Ruborisem-se de vergonha vossas faces, si sabeis a verdade das cousas e fugis do Bem e da Verdade.

Tarde tereis remorsos; mas haverà corações que vos alliviarão desse peso de consciencia; então suspirareis, arrependidos e felizes por deixardes de ser os causadores de iniquidades e miserias.

Não è verdade, que tereis reconhecimento?...

Oh, mas por agora bem vejo o encrespar de vossos labios para um sorriso que julgaes de desprezo, ou corruscar de vossa fronte num excesso de raiva que desabafareis fazendo espancar arautos da verdade, pioneiros da revolução...

◇ ◇

No vosso intimo, si tendes entranhas, sabeis que a razão è nossa.

Bem direis: — ·A força que esmaga è nossa, està em nossas mãos, imperaremos·...

Calma, calma... Quem poderà contestar que essa mesma força de que tão brutal e criminosamente abusaes, um dia proximo esteja do nosso lado, triumphante e magnanima?

◇ ◇

O que quereis, então?

Deporeis as armas e, vencidos, vos prostrareis, não é?...

E tereis por castigo.. o bem estar e a igualdade que todos desejamos.

E os remorsos?

▼ ▼

Vêde, pois, que não somos bandidos, dynamiteiros.

Eu o penso, no meu vintennio, e admiro *os indesejaveis, perturbadores e revolucionarios que querem subverter a ordem.*

Olga Barato

Echos do Norte

Ainda hoje choram as gazetas burguezas desta burguezissima Maceiò "a perda irreparavel do seu digno filho„ dr. Manoel Moreira e Silva. Sessões funebres da Academia Alagoana de Letras, missas aos punhados, bandeiras a meio-pào nos edificios publicos, e associações pias, artigos bajulatorios causando asco e nojo, constituiram as homenagens ao Secretario do actual governo deste Estado, politico de real destaque no seio da situação dominante e... inquisidora desta feitoria.

Tudo que as gazetas do capitalismo publicaram a respeito do morto, resume-se no classico "charivari literario„, pois nenhuma obra de vulto, nenhum emprehendimento mesmo burguez deixou o auxiliar do governo alagoano. E si houve algum facto durante o seu exercicio no cargo dos negocios do interior (policia), esse facto foi a da repressão estupida e inquisitorial às ideias anarchistas.

As victimas dessa reacção, entre as quaes avultou o autor destas linhas, tiveram que emigrar para outros Estados; porque s. exa. exerceu uma violencia sem limites, chegando ao ponto de mandar os seus esbirros à porta de residencia daquelle que a sua phobia jugulava "indesejavel„. Outra victima do inquisidor Moreira foi o nosso leal e intelligente camarada Octavio Brandão, que pelo simples facto de ir à Cadeia Publica visitar-me (onde estive detido 9 dias por crime de "manifestação de pensamento„) là ficou tambem detido por crime de "manifestação de solidariedade„!... E até minha mãe foi victima da crueldade do "Sultão„ que teve para com ella gestos de violencia, porque como aquella torturada mãe que tão bem nos mostra Gorki, tomou a minha defesa allegando o meu estado de saùde!..

. . . .

E o que enjôa, e o que augmenta a nossa rebeldia é ver a imprensa venal mentir, adular a um typo reaccionario que prendeu das mãos do Correio jornaes socialistas e anarchistas, encarcerou jovens lucidos como Octavio Brandão por ter convicção num futuro melhor para a Humanidade!

Tudo que os despotas estão praticando contra os trabalhadores e os idealistas terà o reverso num futuro bem proximo. Cada violencia da burguezia corresponde a um progresso em nossas convicções e quanto mais convicções temos maior é a força propagadora.

A nós, militantes da vanguarda pouco ou nada nos adianta a morte de um despota. O que queremos è ver cahir todos os despotas com armas e tropheus e a humanidade ser livre.

Pode a burguezia alagoana chorar à vontade a morte dos seus asseclas que nem por isso o mundo deixarà de girar. O que deu logar a eu escrever estas linhas è ver a bajulação nojenta a um reaccionario que encarnou durante um periodo o Despotismo e ultrajou a nova civilisação que nasce.

Maceiò, 2—7—20.

Rosalvo Guedes

Que venha, a Lei liberticida!...

Atravessamos actualmente no Brasil um periodo de excepcional covardia e aniquillamento quasi absoluto da moral e do civismo...

Nunca julgamos que um povo aparentemente consciente dos seus direitos se deixasse dominar pela dictadura miseranda dos governantes, a ponto de não erguer um protesto siquer, contra a revogação dos mais comesinhos direitos de humanidade, quando estamos no seculo aureo da proclamada civilisação..

Dá-nos esta situação, a impressão dolorosa dum povo abastardado que, volvendo olhares para o passado, não encontra um exemplo digno de imitação.

Não pretendemos exclusivismos, porque não é do nosso feitio a justiça para *A.* ou pora *B.*, e, quando fallamos em povo apalermado, temos em vista não os sacrificados pelos grandes ideaes libertarios, mas, sim, dos homens que se dizem nacionalistas, para, viverem commoda e comfortavelmente á sombra prodigiosa do thesouro nacional...

Falamos aos homens que pregam civismo e nacionalismo, esquecendo que, as suas almas escravas da ambição não tenham o direito de insinuar principios quando necessitam de luz e de moral...

Está em fóco o projecto de Lei Adolpho Gordo, quasi totalmente approvado pelos poderes competentes (?), e o povo nada faz para evitar esse flagello que vem asfixiar a consciencia de trinta milhões de homens!...

E' justo que venha essa Lei monstruosa para melhor se aquilatar do rebaixamento de hombridade a que chegamos...

E' necessario mesmo que, ella venha sem as emendas deformadoras, para vermos até onde o povo poderá toleral-a...

Acreditamos que, sem o latego causticante dos donos desta Republica, este povo de proscriptos entregar-se-ia ao primeiro aventureiro que aportasse á estas plagas, deixando-se conduzir cordeiramente para o destino merecido!...

O povo no Brasil, é uma figura de rethorica... venha a lei draconiana, sómente assim elle aprenderá a revoltar-se...

Alexandre Montenegro

Typ. «Pasquino».

A TOMADA DA BASTILHA

Em Paris existiu durante seculos uma fortaleza que, construida durante o reinado de Carlos V, se tornou bem depressa prisão de Estado e que serviu desde logo para esconder no fundo de seus calabouços todos aquelles que, sedentos de justiça e de liberdade, se lembravam de protestar contra o poder illimitado dos reis e dos tyrannos absolutos daquellas epocas.

Quem não estivesse contente com o estado de cousas que então vigorava, quem duvidasse de que os reis, os papas e os imperadores fossem inspirados pelo Espirito Santo, quem tivesse a hombridade de falar mais alto qualquer verdade evidente, quem fosse dotado de intelligencia elevada e de independencia de caracter, quem não elogiasse e bajulasse servilmente os reis e os magnates daquelles fatidicos tempos, quem lhes desagradasse e lhes cahisse na antipathia, estava condemnado, podia perder toda a esperança: seria arremessado secretamente para aquelle sepulcro da Bastilha, de onde, como do Inferno de Dante, nunca mais sairia. O sol, a vida, as flores, os passaros, a familia, a alegria das crianças e o carinho das mulheres, tudo, tudo lhe era negado, restando-lhe sómente o recurso da morte, como libertação unica das infames gargalheiras, dos miseraveis carcereiros e das pesadas muralhas que, como lousas de chumbo, o separavam do numero dos vivos.

Um dia, dava-se pela falta de um homem. Sumia-se, desapparecia, procurava-se por todos os lados, interrogavam-se todos os amigos, todos os parentes, mas ninguem dava noticias. Onde estaria então? — Na Bastilha, na infame masmorra, symbolo do absolutismo real, onde apodreceria longe dos seus, esquecido dos homens, á mingua de confortos e de liberdade, sem outra culpa que não fosse a de ser amigo da justiça e de não ter agradado as suas magestades os reis e os bispos.

Mas chegou o 14 de Julho de 1789. Neste dia, o povo de Paris reunido para protestar contra as tyrannias e as injustiças de que era victima, lançou o grito: A' Bastilha, á Bastilha! e toda aquella revolta e furiosa multidão para lá se dirigiu assaltando a terrivel e pavorosa fortaleza. Os soldados inconscientes tentaram resistir, ainda dispararam sobre o povo revoltado, mas isso concorreu sómente para exacerbar mais os animos, para irritar mais o leão popular. E, deante do impeto formidavel da sua força e da sua intrepidez, a masmorra odiada foi tomada, desarmadas as suas guardas, baixadas as suas pontes, transpostos os seus fossos, libertos os seus prisioneiros, derrubadas as suas muralhas, destruidas as suas torres, quebrados todos os instrumentos dos supplicios infamerrimos, dançando depois em cima das ruinas para exprimir toda a sua alegria pelo benefico trabalho realizado.

Toda a epopeia que foi a Revolução Franceza, tambem chamada a Grande Revolução, teve o seu inicio, o seu ponto de partida na tomada da Bastilha, data heroica que hoje commemoramos, como homenagem commovida, aquelles heroicos batalhadores nossos antepassados.

Cahiu a hedionda Bastilha! E' certo, porém, que muitas outras continuam existindo, com nomes differentes, camufladas com outros rótulos, mas na essencia são "bastilhas" de verdade, sem tirar nem pôr. Chamam-se cadeias, prisões, penitenciarias, xadrezes, trabalhos forçados, solitarias, degredos, etc., e continuam realizando obra de morte e de abominio nas pessoas dos paladinos modernos da Liberdade e da Anarquia.

O povo francez, depois de esforços titanicos, após ter dado seu sangue, seu auxilio, sua vida em holocausto á liberdade e á independencia pessoal e collectiva, cahiu no logro de se deixar outra vez illudir, escravizar e encadear pelos reis e pelos militares agaloados e criminosos. E, após mais dum seculo, vive-se quasi a mesma vida, soffre-se quasi a mesma violencia, assiste-se as scenas tão aviltantes e degradantes como nesses tempos ominosos de ignorancia e de cegueira intellectual e espiritual.

Pois façamos tambem o nosso 14 de Julho. Preparemos o assalto definitivo á fortaleza burgueza, arrazemos e derribemos esse monstruoso e sinistro castello de exploração e de morte que tudo nos exige e nada nos proporciona de bom e de util. Acabemos com essa classe, symbolo de abutres, que nos persegue e nos lança nas escuras gemonias ou nos porões infectos dos navios, quando nós não nos conformamos em permanecer durante muitas horas, por pequeno salario, nas modernas Bastilhas industriaes, essas fabricas e officinas onde milhão impera, bicho horrendo que quanto mais farto está mais insaciavel e guloso se torne. Derrubemos a cidadela burgueza, estabeleçamos o regimem de igualdade e de fraternidade social que se chama Anarchia, em toda a terra, e depois façamos como o povo de Paris: dancemos e regozijemo-nos em commum porque só então teremos motivo para isso. Atè lá, guerra a todas as Bastilhas!

14 de Julho -- 1789-1920